



AValiação Neuropsicológica: O Papel da Pesquisa NA APRENDIZAGEM DO PsicÓLOGO EM FORMAÇÃO

Mirelle França Michalick-Triginelli¹
Carla Fernandes Pimenta²
Alana Helena Paulino dos Santos³
Francielly Aparecida Rodrigues⁴
Francine Stephanie Esteves Ferreira⁵
Ângela de Carvalho Ribeiro⁶
Matheus Ferreira de Sousa⁷

RESUMO: A Avaliação Neuropsicológica pretende avaliar e descrever o funcionamento cerebral e a qualidade do sistema funcional a partir do uso de instrumentos psicológicos padronizados como testes, entrevistas e questionários. A partir dessa investigação é possível descobrir a decorrência dos prejuízos e traçar a melhor intervenção possível, desenvolvendo uma proposta de reabilitação ou prevenção, embora o último seja menos usual. Essa área de atuação se insere no corpo conceitual da Neuropsicologia, campo interdisciplinar que agrega conhecimentos de várias áreas, incluindo a Psicologia, configurando-se como área de atuação possível para psicólogos com formação complementar em Neuropsicologia (HAASE, 2009). O aprendizado da Avaliação Neuropsicológica exige daqueles que se propõem a aprendê-la dedicação teórica e treinamento prático das habilidades. Uma das possibilidades de aprendizagem comum para psicólogos é a participação em pesquisas cuja metodologia inclua Avaliação Neuropsicológica. O presente trabalho é um relato de experiência e tem como objetivo discutir essa possibilidade de aprendizagem e os processos pelos quais ela pode ocorrer em um contexto de pesquisa realizada por graduandos do curso de Psicologia da rede privada de ensino superior, a partir da coleta de dados de pesquisa de doutorado de uma professora do curso. Foram ainda considerados os alcances e as limitações do aprendizado da Avaliação Neuropsicológica no contexto de pesquisa em Neuropsicologia. Analisando os resultados encontrados até o momento percebe-se que houve um benefício aos psicólogos em formação em relação à possibilidade do exercício profissional dentro de preceitos éticos e técnicos em uma área relativamente nova, assim como o aprendizado de instrumentos de avaliação neuropsicológica e o aprimoramento da observação clínica. As limitações para a aprendizagem dos psicólogos em formação mais importantes encontradas foram à impossibilidade da escolha dos instrumentos de avaliação e a pouca variabilidade de perfis cognitivos encontrados na população clínica que constituía a amostra.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação Neuropsicológica; Neuropsicologia; Pesquisa; Psicólogo em formação.

ABSTRACT: The Neuropsychological Assessment aims to evaluate and describe the brain functioning and the quality of the functional system from usage of standardized psychological instruments such as tests, interviews and questionnaires. From this investigation is possible to discover the results of the damages and draw up the best intervention possible, developing a proposal of rehabilitation or prevention, although this latter is unusual. This practice area is part of the conceptual body of Neuropsychology, an interdisciplinary field that aggregates knowledge from several areas, including Psychology, becoming as a possible area for psychologists with complementary training in Neuropsychology (HAASE, 2009). The learning of Neuropsychological Assessment requires from those who intend to learn it, theoretical dedication and practical training of skills. One of common learning possibilities for psychologists is the participation in research whose methodology includes the Neuropsychological Assessment. This study is an experience report and its objective is to discuss this learning possibility and the processes by which it is done within a context of research, carried out by undergraduates students of Psychology course from a private teaching network based on the data collected in a research of PhD from a teacher of this course. The scope and limitations of Neuropsychological Assessment in the context of research in Neuropsychology were also considered. Analyzing the results found so far, it's noticed that there was a positive emphasis on the possibility of professional practice within ethical and technical precepts in a relatively new area,

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. mirellef@ yahoo.com

² Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. carla.fernandes.pimenta@gmail.com

³ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. alaannapsantos@gmail.com

⁴ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. francielly.93@gmail.com

⁵ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. francine.ferreira@sga.pucminas.br

⁶ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. angela.carvalho@sga.pucminas.br

⁷ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. mfsousabh@gmail.com

as well as the learning of neuropsychological assessment instruments and the improvement of clinical observation. The most important limitations were the impossibility of choosing the instruments of evaluation and the little variability of the cognitive profiles found in the clinical population that constituted the sample.

KEYWORDS: Neuropsychological Evaluation; Neuropsychology; Search; Psychologist in training.

1 INTRODUÇÃO

A Avaliação Neuropsicológica é um método composto por diversos procedimentos sistematizados que auxiliam no mapeamento das funções mentais e cognitivas relacionadas ao funcionamento cerebral do indivíduo (ABREU, FUENTES, MALLOY-DINIZ E MATTOS, 2010). Ela tem o objetivo de analisar se há alguma alteração comportamental decorrente de uma disfunção neurológica ou dificuldade cognitiva provocada por transtornos do desenvolvimento ou lesões cerebrais (COSTA, AZAMBUJA, PORTUGUEZ E COSTA, 2004).

Esse tipo de avaliação pode ser utilizado em diferentes contextos. Abreu, Fuentes, Malloy-Diniz e Mattos (2010) destacam alguns desses contextos: acompanhamento dos períodos pré e pós tratamentos cirúrgicos, medicamentosos e de reabilitação; mensuração e análise de alterações de funções cognitivas para diagnosticar ou identificar mudanças no padrão neurocognitivo e comportamental; avaliação das condições ocupacionais ou incapacidade mental; elaboração complementar a um tratamento programando, por exemplo, uma reabilitação neuropsicológica.

A Neuropsicologia tem como característica fundante ser uma ciência interdisciplinar. Assim, ela se apropria de conhecimentos de várias áreas, incluindo a Psicologia, a Medicina e a Fisiologia. Abrange a Avaliação Neuropsicológica enquanto uma de suas áreas de atuação, sendo que a avaliação pode ser realizada por vários profissionais de saúde com formação em Neuropsicologia, incluindo os psicólogos (HAASE, 2009).

Para que o psicólogo possa atuar como neuropsicólogo, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) regulamentou, através da Resolução nº 002/2004, a prática da Neuropsicologia como especialidade em Psicologia e, em 2007, foi divulgada uma nova Resolução sobre as formas de obtenção do título de especialista em psicologia. As Resoluções do CFP reconhecem a atuação do neuropsicólogo com formação em psicologia no diagnóstico, no tratamento/reabilitação e na pesquisa.

Em geral, para realizar a Avaliação Neuropsicológica são utilizados instrumentos para avaliar muitos domínios cognitivos. Nesse sentido, Lopes e Argimon (2017) destacam que os domínios avaliados incluem habilidades intelectuais (QI), habilidades acadêmicas (aritmética, leitura, etc.), atenção, flexibilidade mental, inibição de resposta, resolução de problemas, raci-

ocínio, compreensão da linguagem, fluência verbal, memória verbal e, habilidades visoespaciais, velocidade e integração visomotora, velocidade de processamento cognitivo.

Para avaliar os diferentes domínios cognitivos, a Avaliação Neuropsicológica inclui vários instrumentos comuns a diversos profissionais de saúde, tais como entrevistas, observações e tarefas neuropsicológicas. No entanto, quando a Avaliação Neuropsicológica é realizada por neuropsicólogo com formação em psicologia, acrescenta-se a possibilidade de utilização de testes psicológicos. Conforme o § 1º do Art. 13 da Lei nº 4.119/62, testes psicológicos são de uso exclusivo de psicólogos. A regulamentação sobre seu uso foi publicada na Resolução CFP Nº 002/2003. Essa resolução determina as normas sob as quais os testes são criados, utilizados e comercializados.

A elaboração de testes psicológicos bem como de tarefas neuropsicológicas envolve um processo criterioso de normas psicométricas. Segundo Urbina (2007), essas normas psicométricas são capazes de garantir a validade do instrumento, sua fidedignidade, confiabilidade, e geral adequação do material para a população de destino.

No entanto, existem diferenças entre testes psicológicos e tarefas neuropsicológicas. Enquanto os testes psicológicos são usados para identificar e avaliar uma série de características relativas aos domínios cognitivo, social ou afetivo do sujeito em questão, as tarefas neuropsicológicas pretendem avaliar minuciosamente as funções cognitivas e sua interrelação. Ao contrário dos testes, as tarefas neuropsicológicas não são restritas a nenhuma categoria profissional, podendo ser utilizadas pelos demais profissionais da saúde com formação em Neuropsicologia.

A escolha dos instrumentos utilizados na Avaliação Neuropsicológica deve levar em conta vários fatores como a idade e a escolaridade do examinando, assim como o objetivo da avaliação. De acordo com Abreu, Fuentes, Malloy-Diniz e Mattos (2010) os instrumentos escolhidos podem ser estruturados por meio de baterias fixas ou flexíveis. Ambas avaliam uma série de domínios cognitivos. No entanto, enquanto as baterias flexíveis são compostas por testes e tarefas escolhidos com base na condição individual do examinando, as baterias fixas caracterizam-se pelo uso dos mesmos instrumentos para um grupo de pessoas. As baterias fixas são extremamente úteis dentro do contexto de pesquisas e, nesse contexto, a escolha dos testes deve ser suficientemente abrangente para cobrir a investigação das funções cognitivas comumente comprometidas nas patologias a serem investigadas. Já na avaliação clínica, onde é comum a diversidade de manifestações (por exemplo, trauma crânioencefálico, acidentes vasculares, demências, distúrbios de aprendizagem), a abordagem por meio de baterias flexíveis é mais indicada.

Embora Haase (2009) sugira que a formação do neuropsicólogo deve ocorrer preferencialmente em um nível de pós-graduação, o interesse pela área geralmente ocorre ainda na graduação. Para o psicólogo, uma forma bastante frequente de aprendizado da Avaliação Neuropsicológica ocorre no contexto de pesquisas cuja metodologia utiliza esse tipo de avaliação. Tais pesquisas podem ser realizadas por laboratórios de pesquisa vinculados às instituições de ensino ou mesmo por iniciativa de professores.

O presente trabalho é um relato de experiência e tem como objetivo discutir essa possibilidade de aprendizagem em um contexto de pesquisa que incluiu psicólogos em formação da rede privada de ensino superior. Será discutido como tal experiência pode proporcionar aos psicólogos em formação uma série de habilidades fundamentais para o aprendizado da Avaliação Neuropsicológica, assim como habilidades que podem ser utilizadas em diferentes contextos de atuação do psicólogo. Nesse trabalho específico, os psicólogos em formação participaram fundamentalmente na coleta de dados da pesquisa de doutoramento da orientadora do presente trabalho. Inicialmente serão descritas as atividades realizadas pelos psicólogos em formação. Em seguida, serão avaliados os processos de aprendizagem de alunos do curso de Psicologia. Por fim serão discutidos quais são os alcances e as limitações desse tipo de aprendizado.

2 ATIVIDADES REALIZADAS PELOS PSICÓLOGOS EM FORMAÇÃO

A pesquisa de doutorado da qual os psicólogos em formação participaram tem como temática geral a dislexia de desenvolvimento, um transtorno de desenvolvimento caracterizado por uma dificuldade inesperada na aquisição das habilidades de leitura e escrita. Segundo (Lyon et al., 2003), a dificuldade de leitura de palavras na dislexia de desenvolvimento é, com frequência, acompanhada de problemas de compreensão da leitura. Embora a característica central da dislexia de desenvolvimento consista em uma dificuldade de ler palavras com acurácia e fluência, seu diagnóstico pressupõe, ainda, a exclusão de uma série de fatores. (apud Malloy-Diniz, Fuentes, Mattos, Abreu e cols., 2010, p.134). Sendo assim, essa dificuldade não pode ser atribuída a problemas sensoriais, intelectuais, educacionais e/ou sociais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA], 2014; LYON, 1995; PETERSON; PENNINGTON, 2012). Os objetivos do estudo são: (1) contribuir para a caracterização neuropsicológica de crianças com dislexia de desenvolvimento; (2) descrever quais fatores cognitivos podem estar associados à superação das dificuldades iniciais da aprendizagem da leitura

e quais fatores cognitivos associam-se à manutenção dessas dificuldades nos anos subsequentes.

Esse estudo está em andamento e é parte de um projeto de pesquisa realizado pelo Laboratório de Desenvolvimento Cognitivo e da Linguagem, atual Laboratório de Estudo e Extensão em Autismo e Desenvolvimento (LEAD), do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O estudo contou com financiamento do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP/PUC Minas). O projeto mais amplo teve início em 2011 e seu principal objetivo é examinar o perfil cognitivo das dificuldades específicas de leitura em português e sua relação com o perfil cognitivo de outros transtornos do desenvolvimento. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (número de registro CAAE – 0141.0.203.000-11) e contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

Trata-se de uma pesquisa longitudinal, de ordem quantitativa. Pesquisas longitudinais caracterizam-se pelo acompanhamento do desenvolvimento de um mesmo grupo de pessoas, avaliadas em mais de uma ocasião ao longo de meses ou anos (MILLER, 2007; PAPALIA; FELDMAN, 2013). Pesquisas de ordem quantitativa consistem, segundo Minayo (2013), em um modelo que busca formular hipóteses prévias e modelos específicos de verificação, através de experimentação com controle de variáveis. Os estudos com metodologia quantitativa são geralmente realizados com uma amostra relativamente grande. Uma de suas vantagens é justamente a possibilidade de realizar generalizações explicativas sobre determinado fenômeno a partir da análise dos dados coletados dessa amostra.

A metodologia do estudo inclui a Avaliação Neuropsicológica de crianças em idade escolar de cinco escolas da rede privada de ensino em Belo Horizonte. As crianças são avaliadas em três ocasiões: 2º ou 3º ano do Ensino Fundamental, aproximadamente um ano após a primeira avaliação e, finalmente, cerca de dois anos após a primeira avaliação.

Todas as avaliações e reavaliações são realizadas pelos psicólogos em formação ou pela psicóloga responsável pelo estudo, após agendamento com familiares e/ou instituição de ensino. A maioria das crianças é avaliada na própria escola, preferencialmente no contraturno. As avaliações também podem ocorrer nas Clínicas de Psicologia da PUC Minas São Gabriel e da UFMG.

Na primeira avaliação, as crianças são submetidas a uma série de instrumentos que avalia diversos domínios cognitivos, a saber: inteligência, leitura, escrita, aritmética, vocabulário, velocidade de processamento, memória e processamento fonológico. Os responsáveis

participam respondendo a inventários e questionários que abordam questões relativas ao desenvolvimento de seus filhos e a possível presença de outras alterações de desenvolvimento. Essa avaliação é a mais extensa, sendo realizada em três encontros, com duração total aproximada de cinco horas.

A segunda e a terceira avaliações ocorrem, cada uma delas, com duração aproximada de duas horas. Nessas reavaliações, as crianças são submetidas a instrumentos que avaliam a evolução das habilidades de leitura e escrita, assim como aritmética, processamento fonológico e velocidade de processamento. Seus pais preenchem questionários sobre possíveis acompanhamentos educacionais e/ou de saúde.

A participação dos psicólogos em formação ocorre desde o início do trabalho, em 2014. Alguns psicólogos em formação participam do estudo desde seu início e outros passaram a fazer parte do grupo posteriormente. Todos eles já contam com mais de um ano de envolvimento com o trabalho.

A atuação dos psicólogos em formação envolve todo o processo de Avaliação Neuropsicológica. Inicialmente, participam de estudo e treino dos instrumentos utilizados e observam a realização de avaliação feita por profissional já treinado. A descrição de como é feito esse treinamento será detalhada a seguir. Quando já estão adequadamente preparados para realizar a avaliação das crianças, os psicólogos em formação realizam uma série de processos: organização dos testes, tarefas e materiais utilizados no contexto de avaliação, agendamento e reagendamento de sessão com os responsáveis, organização da sala para a avaliação, administração dos instrumentos de avaliação, correção dos testes e tarefas neuropsicológicas, integração dos dados coletados e escrita de relatórios devolvidos à família. Em algumas situações tem que responder a dúvidas das famílias e crianças participantes quanto aos objetivos da pesquisa e resultados encontrados nas avaliações. Posteriormente a todas as etapas citadas, os dados obtidos são passados, pelos psicólogos em formação, para o programa de estatística SPSS para que as análises quantitativas sejam realizadas pela doutoranda.

Como pode ser visto, a participação dos psicólogos em formação se dá de forma ampla, se restringindo apenas ao processo de testagem psicológica. A seguir, serão discutidos os processos de aprendizagem potencializados pela participação dos psicólogos em formação no âmbito da pesquisa em questão.

3 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DOS PSICÓLOGOS EM FORMAÇÃO

Essa seção foi dividida em quatro partes: na primeira parte, discutiu-se a experiência do conhecimento teórico e prático dos instrumentos. Na segunda parte são apresentados os aspectos relativos ao aprimoramento da observação clínica e, na terceira, aspectos relativos à postura profissional e gestão do trabalho. Por fim, na quarta parte, há a descrição do processo de aprendizagem da escrita de documentos psicológicos.

3.1 Conhecimento teórico e prático dos instrumentos

Como vimos anteriormente, para a realização da Avaliação Neuropsicológica, são usualmente utilizados testes e tarefas neuropsicológicas que avaliam habilidades específicas do examinando. Nesta pesquisa em particular, são utilizados como instrumentos testes psicológicos, tarefas neuropsicológicas e ainda questionários sobre desenvolvimento infantil e inventários de comportamento.

Seabra e Carvalho (2014) pontuam que, ao utilizar um instrumento durante um processo de avaliação, é necessário que o aplicador conheça as características deste. Dessa forma, torna-se essencial o estudo e treino desses instrumentos para que seja possível avaliar de forma fidedigna o funcionamento cognitivo do sujeito.

Tendo em vista esse contexto, no início da pesquisa, os psicólogos em formação passaram por um processo de conhecimento e estudo dos instrumentos utilizados. Em consonância com a afirmativa de Abreu, Fuentes, Malloy-Diniz e Mattos (2010), como a avaliação se deu no contexto de pesquisa, foi realizada bateria fixa. Assim, esses instrumentos já estavam pré-estabelecidos em razão dos objetivos da pesquisa. Apesar de não terem participado da escolha dos instrumentos, foi preciso que houvesse o entendimento da justificativa da inclusão de cada teste na pesquisa, quais habilidades cada um avalia e como cada um deve ser administrado e corrigido.

O estudo dos instrumentos foi inicialmente realizado pela coordenadora da pesquisa, orientando os psicólogos em formação. Posteriormente, através de grupos, em que os psicólogos em formação que já possuíam os conhecimentos descritos acima ensinaram aos outros que ainda não conheciam os instrumentos.

Nessa pesquisa em específico, foram aprendidos e utilizados testes psicológicos e tarefas neuropsicológicas. A seguir, os instrumentos serão citados, separadamente por habilidade cognitiva avaliada.

1. **Inteligência:** Escala Wechsler de Inteligência para Crianças - Terceira Edição (WISC-III; WECHSLER, 1991): é um instrumento clínico, de aplicação individual, para avaliar a capacidade intelectual de crianças entre seis e dezesseis anos e onze meses. Na pesquisa apresentada inicialmente era administrada toda a Escala. Em razão do tempo que podia ser disposto para a avaliação de cada criança, a aplicação de todo o teste mostrou-se inviável. Com isso, foi necessário realizar a escolha de alguns subtestes mais relacionados à descrição cognitiva da dislexia do desenvolvimento. Assim, foram utilizados cinco subtestes dos treze que compõem tal Escala: Código, Cubos, Vocabulário, Procurar Símbolos e Dígitos.
2. **Leitura:** foram avaliadas três dimensões que compõem o processo de leitura: precisão, fluência e compreensão. A avaliação da acurácia de leitura foi realizada através do Teste de Desempenho Escolar (TDE - STEIN, 1994). A fluência de leitura através de instrumentos neuropsicológicos (Fluência de Palavras Frequentes, Fluência de Palavras Infrequentes e Fluência de Pseudopalavras). Para avaliação da compreensão da leitura foram utilizados os TIL (SANTOS e CASTRO, 2010) e Teste de Cloze (SANTOS, 2005), assim como uma versão adaptada do teste LEE (Subteste de Compreensão de Leitura do LEE – Teste de Leitura e Escrita em Espanhol, DEFIOR-CITOLER, FONSECA e GOTTHEIL, 2006).
3. **Escrita de palavras isoladas:** foi avaliada a partir do Subteste de escrita do Teste de Desempenho Escolar – TDE (STEIN, 1994) e de uma tarefa neuropsicológica (Teste Experimental de Escrita de Palavras).
4. **Aritmética:** foi avaliada a partir do Subteste de Aritmética do Teste de Desempenho Escolar, TDE (STEIN, 1994) e de uma tarefa neuropsicológica.
5. **Consciência fonológica:** foram utilizados dois instrumentos neuropsicológicos: Tarefa Experimental de Subtração de Fonemas e Tarefa Experimental de Spoonerismo (CARDOSO-MARTINS, HAASE e WOOD, 1996).
6. **Recuperação Lexical:** foi avaliada a partir de dois instrumentos neuropsicológicos: Nomeação Automatizada Rápida (RAN; DENCKLA e RUDEL, 1976) e Teste de Fluência Verbal (CARDOSO-MARTINS, HAASE e WOOD, 1996).
7. **Memória fonológica de curto prazo:** foram utilizados o Subteste de Dígitos do WISC-III – Ordem Direta (WECHSLER, 2002), assim como duas tarefas neuropsicológicas - Repetição de Pseudopalavras (SANTOS e BUENO, 2003) e Memória para Sentenças.

8. Memória verbal de trabalho: Subteste de Dígitos do WISC-III – Ordem Inversa (WECHSLER, 2002).
9. Velocidade de Processamento: foram utilizados os Subtestes Códigos e Procurar Símbolos do WISC-III (WECHSLER, 2002), assim como o Teste de Velocidade Perceptual do Colorado – TVPC (DECKER, 1989).

Os momentos de aprendizagem dos instrumentos foram muito ricos, uma vez que nesses encontros, além de conhecer os testes e tarefas, tornou-se possível conversar sobre variáveis presentes no momento da aplicação que vão além do que está descrito nos manuais que ensinam os instrumentos. A Avaliação Neuropsicológica em contexto de pesquisa com amostra constituída por população clínica exige manejo de situações diversas, tais como formas de atuação que podem ser utilizadas quando a criança está indisposta para uma atividade, quando a criança não consegue realizar ou concentrar-se em uma tarefa ou mesmo quando a criança apresenta dificuldades excessivas na realização do que está sendo proposto.

Após esses encontros para apresentação dos instrumentos, os psicólogos em formação treinaram entre si a administração desses instrumentos. Em seguida, os psicólogos em formação iniciantes na pesquisa acompanharam algumas avaliações no contexto real com o propósito de aprimorar o conhecimento teórico. Acompanhar as avaliações foi importante para conhecer o contexto de avaliação, forma de administração dos instrumentos e como esse processo ocorre na prática, antes de sua primeira avaliação. Assim, o treinamento constitui uma etapa fundamental no tocante à preparação e manejo para utilização e conhecimento teórico dos instrumentos.

Além de possibilitar o aprendizado dos instrumentos e sua utilização no contexto real, a participação na pesquisa possibilita ao psicólogo em formação o desenvolvimento de habilidades que não estão restritas à área da Avaliação Neuropsicológica. Como veremos a seguir, um dos ganhos importantes é o aprimoramento da observação clínica.

3.2 Aprimoramento da observação clínica

O processo de avaliação psicológica vai além da testagem e os aspectos qualitativos também são importantes para a produção de um bom resultado. Os psicólogos em formação estudaram e aprenderam durante a pesquisa como atentar-se aos aspectos qualitativos da avaliação das crianças, tendo em vista que, a Avaliação Neuropsicológica deve ir além de procedimentos padronizados e buscar interação de fatores relacionados aos dados coletados. A in-

interpretação dos seus achados é o que torna uma avaliação propriamente neuropsicológica, pois ela extrapola a questão quantitativa para incluir complementarmente a análise qualitativa, com base nas formas de resposta, nos tipos de erros, nas auto-correções, na noção de desempenho (consciência dos déficits ou não), entre outras (Haase et al., 2012).

Assim, é importante aprimorar a observação dos comportamentos das crianças durante a realização das tarefas, verificando aspectos como o engajamento, desatenção, desmotivação, inquietude, dificuldade de compreender as instruções em determinada tarefa, respostas impulsivas, ansiedade diante da avaliação, entre outros.

A observação do comportamento da criança durante o processo de avaliação é de fundamental importância, pois favorece o processo de integração de dados, contribuindo para uma melhor compreensão da criança no contexto da avaliação. Além disso, os aspectos comportamentais observados durante a avaliação são posteriormente apresentados no relatório entregue à família ao final de cada avaliação.

Assim, a vivência de observação clínica proporciona aos psicólogos em formação a oportunidade de desenvolver e aprimorar uma habilidade essencial para a prática profissional do psicólogo que é a observação de atitudes, comportamentos e reações, relacionando-os com os dados coletados a partir de outros instrumentos. Esses dados não são fornecidos pela aplicação dos instrumentos em si, mas estão extremamente interligados ao resultado que eles fornecem. Não existem manuais ou instruções teóricas bem definidas para o aprendizado da observação clínica, assim a prática é de extrema importância para proporcionar o desenvolvimento dessa habilidade. É possível, assim, que a experiência de participação nessa pesquisa possibilite que os psicólogos em formação possuam um diferencial no que diz respeito à percepção de dados qualitativos decorrentes de sua capacidade de observação mais apurada. Essa habilidade é importante para uma série de atividades de trabalho exercidos pelo psicólogo. Assim, esse aprendizado extrapola a prática da Avaliação Neuropsicológica.

Além da observação clínica, outras habilidades precisam ser desenvolvidas pelos psicólogos em formação para que possam exercer bem o seu trabalho. Entre essas habilidades, estão aspectos relacionados à gestão do trabalho e à construção de uma postura profissional condizente com o trabalho do psicólogo. Esses aspectos serão descritos a seguir.

3.3 Postura profissional e gestão do trabalho

A experiência na pesquisa científica possibilita a capacidade de lidar com aspectos relacionados à gestão do trabalho do psicólogo, tais como com a organização de material, pre-

paração de sala e agendamento. A organização deve fazer parte em todo o contexto profissional, visto que sem ela é perceptível a dificuldade de conseguir colocar em prática qualquer atividade.

Para a avaliação das crianças, os psicólogos em formação precisam organizar todo o material necessário para ser levado para o local da avaliação, como: cronômetro, lápis, borracha, prancheta, folhas de registro, testes e tarefas neuropsicológicas. Esses materiais precisam ser organizados anteriormente, pois a falta de algum deles impossibilita a execução adequada da avaliação. Após a aplicação dos testes e tarefas neuropsicológicas é preciso corrigi-los, para em seguida realizar a elaboração de um relatório. Novamente a organização facilita o processo, uma vez que após a aplicação dos instrumentos o psicólogo em formação tem um prazo para enviar o relatório para análise e correção a ser realizada pela coordenadora da pesquisa. Assim é preciso organizar o tempo gasto para correção e elaboração do relatório.

Outro quesito do contexto de gestão do trabalho muito comum ao psicólogo é o agendamento. Para realização do trabalho da pesquisa é preciso marcar com os pais das crianças avaliadas, o dia, a hora e local para avaliação. Esse agendamento se dá através da disponibilidade da família em conjunto com o psicólogo em formação. Como mencionado anteriormente, não é sempre que o agendamento ocorre como esperado. A maioria das avaliações ocorre na escola das crianças exigindo agendamento com os pais e com as instituições de ensino. Às vezes ocorre de a família não comparecer. Além disso, ocorrem algumas situações adversas como indisponibilidade de sala para a avaliação no dia e horário agendado, atraso dos pais ou responsáveis e necessidade de reagendamento de sessões. Sendo assim, é preciso lidar com a desistência e o reagendamento, processos comuns na prática psicológica clínica. Os agendamentos e reagendamentos possibilitam ainda o contato com os responsáveis das crianças o que aprimora a capacidade técnica do psicólogo em formação de comunicar-se profissionalmente.

No âmbito profissional, o compromisso e responsabilidade com o trabalho é outro quesito presente na articulação das atividades exercidas pelos psicólogos em formação na pesquisa em questão. Pode-se falar de três eixos principais sobre o compromisso na pesquisa, sendo eles: o conhecimento teórico, a execução da técnica psicológica e o resultado/retorno. O conhecimento diz sobre o compromisso de compreender e estudar os instrumentos utilizados na avaliação. O segundo eixo trata da execução da técnica psicológica, que como já descrito, exige engajamento para garantir uma boa aplicação dos instrumentos, visto que, se feita incorretamente, ocasiona resultados imprecisos. O último e não menos importante, trata do compromisso do retorno da avaliação para a família, a entrega de relatório psicológico. Sendo

assim, a falta de compromisso em algum dos eixos citados, pode interferir no bom processo de avaliação, infringindo os preceitos da profissão do psicólogo que supõe a garantia de um trabalho que preserve os aspectos éticos e técnicos de seu trabalho.

A exigência de qualidade técnica e ética do psicólogo é descrita na Resolução nº 010/2005 do CFP que aprovou o Código de Ética Profissional do Psicólogo com informações sobre os princípios fundamentais e responsabilidades do Psicólogo. Na realização da pesquisa, os psicólogos em formação buscam manter uma postura ética e profissional, seguindo os princípios que constam no Código de Ética. Sendo possível citar, por exemplo, o sigilo profissional e a qualidade técnico-científica do trabalho.

O sigilo profissional diz respeito à responsabilidade que o Psicólogo tem de proteger as informações obtidas pelo indivíduo. Essas informações são confidenciais e utilizadas na pesquisa apenas de forma acadêmica e científica. Assim, apenas os pais e, eventualmente, educadores, recebem as informações decorrentes da Avaliação Neuropsicológica. Os psicólogos em formação tiveram a oportunidade de treinar essa habilidade e perceber a importância de manter informações sigilosas, respeitando a individualidade do sujeito e protegendo-o de possíveis efeitos negativos da divulgação inadequada de informações.

Além do sigilo outro aspecto ético trabalhado de forma extensiva nessa prática é a garantia de uma qualidade técnico-científica do trabalho, trazendo novamente a importância do estudo e treino dos instrumentos, a observação de uma avaliação, a resolução de dúvidas e troca de informações. As orientações da professora responsável pela pesquisa e o cuidado com a formação e execução técnico-científica do trabalho certamente favorecem uma boa prática e uma boa formação profissional, o que é fundamental para assegurar a qualidade do trabalho.

3.4 Integração de dados e escrita de documento psicológico

Após a coleta de dados, é necessário realizar a integração dos resultados e comportamentos observados. Consideram-se aqui as informações obtidas através dos questionários respondidos pelos pais, os resultados obtidos nos instrumentos e as observações realizadas pelo aplicador.

A organização dos dados obtidos através dos diferentes instrumentos e observações, visa o entendimento de potencialidades e possíveis dificuldades das crianças. A seleção das informações deve atender aos objetivos da avaliação, identificando aspectos mais significati-

vos que possam ter surgido no decorrer do processo (CUNHA, 2000). Logo, ela possibilita uma visão mais ampla do avaliado, considerando seu desempenho no contexto da avaliação.

Além dos dados obtidos através dos testes e tarefas neuropsicológicas, a integração dos dados leva em conta os dados dos questionários preenchidos pelos responsáveis, que dizem respeito ao desenvolvimento da criança e seu comportamento em diferentes contextos: casa, escola, etc. Tais questionários fornecem também informações sobre uso de medicamentos, realização de tratamento psicológico, psicopedagógico, fonoaudiológico, entre outros. Assim, os dados dos questionários nos permitem identificar aspectos comportamentais das crianças e questões relativas ao seu desenvolvimento (gestação, intercorrências no nascimento, uso de medicação, tratamentos, entre outros), fatores importantes para o entendimento da condição clínica da criança participante.

Para interpretação dos dados obtidos através dos testes e tarefas neuropsicológicas, os resultados de cada criança são comparados com os resultados obtidos por crianças com desenvolvimento típico, sendo possível identificar as crianças que tem dificuldades e/ou facilidades cognitivas. Tais dados são analisados dentro de uma perspectiva quantitativa de análise dos resultados.

No entanto, como já citado, a análise dos dados não pode ser realizada apenas com base nos aspectos quantitativos alcançados pelas crianças. De acordo com Winograd, Jesus e Uehara (2012), embora os resultados quantitativos apontem o nível cognitivo do avaliado, existem diversas variáveis que interferem em seu desempenho durante o processo de avaliação neuropsicológica. Os escores dos testes, à parte, fornecem somente informações limitadas referentes ao funcionamento cognitivo do sujeito. Desta forma, é imprescindível a análise de aspectos qualitativos feitos através de observações de comportamentos durante a avaliação.

Os dados qualitativos são, assim, também importantes na integração dos dados e devem ser considerados. Como vimos anteriormente, estes dados são obtidos através das observações da criança e também pelos questionários respondidos pelos responsáveis. As observações comportamentais facilitam a interpretação de dados relevantes que podem dizer algo sobre o desempenho das crianças da pesquisa retratada neste trabalho. Assim, como parte da integração dos dados, são considerados comportamentos que podem prejudicar o desempenho das crianças, como por exemplo, nervosismo, ansiedade, desatenção, agitação, pedido de repetição das instruções de testes ou tarefas, falta de persistência na resolução das tarefas propostas, entre outros. São ainda considerados comportamentos que se apresentam de forma positiva, como cooperação, persistência ao realizar as tarefas e estratégias utilizadas para resolução de problemas. Tanto os comportamentos que podem prejudicar o desempenho cogni-

tivo quanto os comportamentos que podem facilitar tal desempenho são relevantes para uma interpretação qualitativa.

É importante salientar que os instrumentos de Avaliação Neuropsicológica dizem do desempenho do sujeito apenas no momento da sua aplicação. Assim, utilizamos na pesquisa outras fontes que oferecem informações importantes para análise qualitativa, como os questionários citados acima.

De fato, os aspectos qualitativos em conjunto com os quantitativos são de suma importância para o processo de Avaliação Neuropsicológica, podendo fornecer informações significativas no tocante à interpretação de dados. Dessa forma, podemos dizer que a Avaliação Neuropsicológica envolve conhecimento e análise de aspectos quantitativos e qualitativos. Os aspectos quantitativos dizem respeito à normatização dos resultados obtidos em testes e tarefas. Já os aspectos qualitativos envolvem observações referentes ao comportamento do sujeito durante o processo de avaliação. De acordo com Lezak (1995), a Avaliação Neuropsicológica deve ser vista como uma caracterização qualitativa do sujeito uma vez que envolve o estudo intensivo do comportamento por meio de entrevistas e questionários.

A partir da integração dos dados, o processo de Avaliação Neuropsicológica é concluído com a escrita de um relatório ou laudo psicológico. Este documento pode ser entendido como uma importante ferramenta do processo de avaliação, uma vez que ele se propõe a descrever todas as etapas e variáveis acerca do processo avaliativo. Essa descrição engloba desde a demanda apresentada para realização da avaliação, passando pela forma como o processo foi conduzido, apresentando os resultados e propondo intervenções.

Se o neuropsicólogo tiver formação em psicologia, a forma com que o relatório decorrente de Avaliação Neuropsicológica será elaborado, precisa seguir os parâmetros estabelecidos na Resolução nº 007/2003 do CFP que "Institui o Manual de Elaboração de Documentos Escritos produzidos pelo psicólogo, decorrentes de avaliação psicológica e revoga a Resolução CFP nº 17/2002". A escrita de relatório psicológico nesses parâmetros é laboriosa e exige dedicação e empenho. Ao longo da participação na pesquisa, os psicólogos em formação recebem orientações acerca da escrita deste documento nos parâmetros definidos pelo CFP. Após o término da coleta dos dados de uma criança em particular e integração destes, eles devem escrever um relatório psicológico. Após a escrita, os relatórios são corrigidos pela responsável da pesquisa e encaminhados para os psicólogos em formação para que a revisão tenha um efeito de aprimoramento da escrita.

Dessa forma, uma vez que cada psicólogo em formação realiza ativamente o processo de escrita de vários relatórios psicológicos, certamente existem contribuições muito significa-

tivas para a sua formação. Isso se dá tendo em vista que, mesmo tal conteúdo sendo exposto em sala de aula, as atividades práticas levam ao aperfeiçoamento das técnicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALCANCES E LIMITES DA APRENDIZAGEM DA AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA NO CONTEXTO DE PESQUISA

A experiência de atuar realizando processos de Avaliação Neuropsicológica através da participação em pesquisa científica durante a graduação pode proporcionar aos psicólogos em formação uma série de habilidades para que possam realizar um bom processo de avaliação no futuro com propriedade e segurança. Muitas vezes, ao cumprir apenas a grade curricular obrigatória, o estudante pode não conseguir perceber a importância do processo de avaliação. Além disso, a graduação não oferece de forma consistente uma formação teórica e prática a ponto de capacitar alunos a trabalhar especificamente com Avaliação Neuropsicológica.

Certamente a experiência na pesquisa possibilitou aos Psicólogos em formação conhecimentos no âmbito Psicológico e Neuropsicológico, tanto teóricos quanto práticos. A vivência em campo possibilitou uma formação mais ampla e diferenciada. Além disso, essa experiência contribuiu fortemente para o desenvolvimento de competências e habilidades exigidas para o trabalho do psicólogo e, conseqüentemente, para a formação desses profissionais e para a qualidade de sua atuação profissional futura.

Tendo em vista a complexidade do campo da Neuropsicologia e a exigência de uma formação contínua e interdisciplinar, a pesquisa possibilita aos psicólogos em formação avanços significativos no que diz respeito à construção de conhecimentos acerca do uso, processo e aplicabilidade da Avaliação Neuropsicológica. Além disso, em muitas ocasiões o processo prático da Avaliação Neuropsicológica permite também o exercício de aspectos éticos da psicologia. Por exemplo, a questão do sigilo profissional que está estreitamente relacionado à prática do psicólogo.

Outra vantagem que podemos destacar é a possibilidade de ganho de conhecimentos mais aprofundados no que diz respeito à compreensão do funcionamento cognitivo. Tal ganho de conhecimento é reforçado pela prática realizada, tendo em vista que são apresentadas situações clínicas passíveis de interpretação na amostra participante da pesquisa.

Podemos ainda destacar que especificamente no caso do estudo em questão, a participação na pesquisa possibilita ao psicólogo em formação o desenvolvimento de habilidades condizentes com a metodologia de pesquisa quantitativa, incluindo a manipulação de dados estatísticos. O contato com pesquisa quantitativa tende a ser pouco usual na graduação do

curso de Psicologia, visto que a maior parte das atividades às quais esses alunos têm acesso é de base qualitativa. Sendo assim, participar de forma efetiva de variados tipos de pesquisas, possibilita aos psicólogos em formação a aquisição de habilidades e conhecimentos diversificados e abrangentes que norteiam o trabalho do psicólogo.

Embora exista uma série de benefícios para a formação, a aprendizagem da Avaliação Neuropsicológica no formato descrito neste artigo tem limitações. Uma delas é a dificuldade de colocar em prática o desenvolvimento do pensamento científico. Como os psicólogos em formação participam de um estudo já delineado, eles não tiveram a oportunidade de usar o pensamento científico no levantamento do problema de pesquisa.

Outra limitação decorrente do aprendizado da Avaliação Neuropsicológica é a impossibilidade de desenvolver raciocínio clínico necessário para a condução e escolha dos instrumentos, uma vez que estes já foram escolhidos antes de sua participação. Além disso, a pesquisa avaliou uma população clínica que possui padrão cognitivo específico e crianças com desenvolvimento típico (amostra controle do estudo). Essa repetição de um padrão cognitivo dificultou o exercício desse raciocínio clínico exigido diante da variabilidade das manifestações clínicas que podem estar sujeitas à Avaliação Neuropsicológica.

Apesar das limitações considera-se que a experiência dos psicólogos em formação foi bastante enriquecedora, trazendo muitos benefícios imediatos e outros possíveis benefícios a médio e longo prazo. Como mencionado anteriormente, esses benefícios incluem a capacidade de lidar com aspectos relacionados à gestão do trabalho do psicólogo, o aprimoramento no processo de escrita de relatórios psicológicos, a capacidade de desenvolver e aprimorar a observação clínica, o aperfeiçoamento da qualidade técnica e ética do psicólogo, dentre outros. No entanto, é preciso considerar que esses benefícios nem sempre são possíveis para todos os psicólogos em formação interessados em Neuropsicologia. Pesquisas na área são escassas no contexto de instituição de ensino privado.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. (Nascimento, M. I. C, et al., Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2014.
- CAMARGO, Candida Helena Pires de; BOLOGNANI, Sílvia Adriana Prado; ZUCCOLO, Pedro Fonseca. O exame neuropsicológico e os diferentes contextos de aplicação. In: FUENTES et al. **Neuropsicologia – Teoria e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CARDOSO-Martins, Cláudia, HAASE, Vitor G. e WOOD, Guilherme. **Bateria de Testes de Habilidades Fonológicas adaptada da Phonological Assessment Battery**. 1996.

COSTA, Danielle I.; AZAMBUJA, Luciana S.; PORTUGUEZ, Mirna W.; COSTA, Jaderson C. Avaliação Neuropsicológica da criança. **Jornal da Pediatria**. 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 007 de 14 de junho de 2003. Institui o Manual de Elaboração de Documentos Escritos produzidos pelo psicólogo, decorrentes de avaliação psicológica e revoga a Resolução CFP nº 17/2002. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2003/06/resolucao2003_7.pdf>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 013, de 14 de setembro de 2003. Institui a consolidação das resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Revoga as resoluções nº 014/00, 02/01, 07/01, 03/02, 05/03, 02/04, 03/05, 04/05, 08/05, 013/05 e 014/05. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/09/resolucao2007_13.pdf>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 002 de 03 de março de 2004. Reconhece a Neuropsicologia como especialidade em Psicologia para a finalidade de concessão e registro de título de Especialista. Brasília-DF, 3 de março de 2004. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2004_2.pdf>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 010, de 21 de julho de 2005. Define e regulamenta o Código de Ética Profissional do Psicólogo com informações sobre os princípios fundamentais e responsabilidades do Psicólogo. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/07/resolucao2005_10.pdf>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 002, de 24 de março de 2007. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2004/03/resolucao2004_2.pdf>.

CUNHA, Jurema Alcides. Passos do processo psicodiagnóstico. In: CUNHA, Jurema Alcides et. al. **Psicodiagnóstico-V**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 5 ed. revisada e ampliada. p. 105-138.

DECKER, S. N. (1989). Cognitive processing rates among disabled and normal reading young adults: A nine year follow-up study. **Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal**, v. 1, n. 2, p. 123-134.

DEFIOR Citoler, S., FONSECA, L.; GOTTHEIL, B. **Test de lectura y escritura en español-LEE**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

DENCKLA. M. B.; RUDEL, R. G. Rapid "automatized" naming (R.A.N): dyslexia differentiated from other learning disabilities. **Neuropsychologia**, 1976, v. 14, n. 4, p. 471-477.

FUENTES, Daniel, MALLOY-DINIZ, Leandro F., CAMARGO, Candida Pires, COSENZA, Ramon M. Neuropsicologia: **Teoria e Prática, 2nd edição**. ArtMed, 01/2014. [Minha Biblioteca].

HAASE, Vitor Geraldi. Neuropsicologia do desenvolvimento: um enfoque clínico. In: Haase, V.G, Ferreira, F.O. e Penna, F.J. **Aspectos biopsicossociais da saúde na infância e adolescência**. Belo Horizonte: COOPMED, 2009.

HAASE, Vitor Geraldi et al. Neuropsicologia como ciência interdisciplinar: consenso da comunidade brasileira de pesquisadores/clínicos em neuropsicologia. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana**, 2012, v. 4, n. 4, p. 1-8. Disponível em:
<http://www.neuropsicolatina.org/index.php/Neuropsicologia_Latinoamericana/article/view/125>.

LEZAK, Muriel D. **Neuropsychological Assessment**. England: Oxford University Press (1995).

LOPES, Regina Maria Fernandes; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. Avaliação Neuropsicológica Infantil: Aspectos Históricos, Teóricos e Técnicos. In: TISSER, Luciana et al. **Avaliação neuropsicológica Infantil**. Novo Hamburgo. Sinopsys, 2017.

LYON, G. Reid. Toward a definition of dyslexia. **Annals of Dyslexia**, 45, 3-27, 1995.

MADER-JOQUIM, Maria Joana. O neuropsicólogo e seu paciente: Introdução aos princípios da avaliação neuropsicológica. In: Malloy-Diniz, L.F et al. **Avaliação Neuropsicológica**. Porto Alegre. p 51-52. Artmed, 2010.

MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes; FUENTES, Daniel; MATTOS, Paulo; ABREU, Neander. (2010). **Avaliação Neuropsicológica**. Porto Alegre: Artmed.

MILLER, Scott A. Design. In: **Developmental Research Methods** 3rd ed. Sage Publications, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Fiocruz, 2013

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

PETERSON, Robin L.; PENNINGTON, Bruce F. Seminar: Developmental Dyslexia. **Lancet**, 379(9830), 1997–2007, 2012.

SANTOS, A. A. A. **O Teste de Cloze como instrumento de diagnóstico da compreensão em leitura**. Relatório Técnico. Universidade São Francisco, 2005.

SANTOS, A. S.; Castro, S. L. **O TIL: Teste de Idade de Leitura**. São Paulo: Edições Almedina, 2010.

SANTOS, F. H.; Bueno, O. F. Validation of the Brazilian Children's Test of Pseudoword Repetition in Portuguese speakers aged 4 to 10 years. **Brazilian Journal of Medical Biological Research**, 2003, v. 36, n. 11, p. 1533-1547

SEABRA, Alessandra Gotuzo; CARVALHO, Lucas de Francisco. Fundamentos da psicometria. In: FUENTES, Daniel et al. (Org.). **Neuropsicologia: teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p.67-75

URBINA, Susana. **Fundamentos da testagem psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

WINOGRAD, Monah; DE JESUS, Milena Vasconcelos Martins; UEHARA, Emmy. Aspectos qualitativos na prática da avaliação neuropsicológica. **Ciências & Cognição**, [S.l.], v. 17, n. 2, set. 2012. ISSN 1806-5821. Disponível em:
<<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/810>>.